

conduzição seus esforços: desmascarando suas mentiras, e reallizando pela associação, com aqueles que pensam como eles, o que acreditarem ser o mais apropriado a liberá-los.

OS TRABALHADORES, A POLÍTICA E AS ELEIÇÕES

Os anos eleitorais são pródigios em demonstrar, em toda a sua nudez e sem disfarces, o que é a má política, ou melhor, a política — arte de conquistar o poder e de conservá-lo — com todo o seu cortejo de oportunismos, misérias, infâmias, indecências e processos excusos.

A política, como método de ação, é um método indireto, mediato, o qual exige a ação de intermediários. Como sempre sucede, o meio acaba tornando-se mais importante do que o fim, pois tende a substituí-lo; a luta emancipadora que tende para um ideal final, acaba por endusar os meios, como acontece nos países sob regime marxista, onde se diviniza o Estado. Todos os partidos, principalmente os que trazem em suas siglas referências aos termos social e socialismo, trabalhadores e trabalho etc., que acenam com grandes reformas sociais, oferecem a ilusão de que através da tomada do poder ou dos cargos eletivos promoverão a emancipação e precisamente essa ilusão tem sido o maior mal na luta dos trabalhadores.

Todos os partidos políticos terminam fatalmente, mais dia menos dia, por se preocupar mais com os meios do que com os fins. Por isso combatemos a política e a julgamos o processo mais falso na luta pela emancipação social.

Numa sociedade capitalista, a política só pode favorecer o autoritarismo, o cesarismo, pois não é o meio apropriado para as transformações sociais, as quais devem ser feitas pela

ação congregada das próprias organizações populares, por livre iniciativa.

A luta contra a política é uma luta de moralização social. A transformação social é obra de todos, a todos compete, e todos precisam empregar os maiores esforços para conseguir realizá-la. A política tende para o menor número, para um grupo de privilegiados. É o mesmo fenômeno que acontece com a organização burocrática, em que o burocrata cada vez mais se burocratiza. O político cada vez mais se "politiciza".

Enquanto os que almejam o socialismo usarem a arma da política, estarão fazendo o papel das classes dominantes, estarão servindo-as. Para a burguesia, nada melhor do que a luta partidária e eleitoralista dos partidos operários. Ela sabe perfeitamente que, por esses meios, o proletariado se afasta cada vez mais de sua verdadeira luta, e adia, continuamente, o dia da renovação social que há tanto vem sendo desejada.

A luta política, dentro dos quadros legais do capitalismo, é uma luta essencialmente burguesa. Com a base econômica e financeira dominada pela burguesia e por seus testas-de-ferro, a ação dos representantes operários cinge-se às cadeias férreas das leis burguesas. Não é possível romper essas barreiras e, na armadilha dos parlamentos, caem os mais puros e ingênuos lutadores das grandes reivindicações operárias.

Infundável é a proclamação dos acusados de desvio de seus verdadeiros princípios, incontáveis são os episódios, ao longo da história, de choques e acusações, traições, acordos realmente acusações feitas por "incorruptíveis" que ao tomarem o poder, tornam-se iguais, em tudo e por tudo, aos antigos "traidores" tão terrivelmente acusados. E a cegueira partidária esconde a realidade e a verdadeira significação degenerativa que existe na luta eleitoral e política.

A luta política é uma luta burguesa.

Sabe a burguesia que a sociedade deve ser transformada. Ela sabe perfeitamente que a ordem por ela instituída é injusta e que não corresponde aos anseios dos oprimidos, empolgados pela esperança de se libertarem. Por mais que seus teóricos possam criar filosofias e doutrinas para provar que o regime capitalista mercantil, fundado no lucro a todo custo, é o que melhor corresponde aos desejos e estímulos humanos, a burguesia sabe que não poderá deter a marcha da História, mas sabe também que poderá, pelo menos, retardá-la. As reformas e as transformações da sociedade serão inevitáveis. Elas sobreviverão, mas é possível retardá-las. **EA POLÍTICA É A GRAM-DE ARMA BURGUESA DE RETARDAMENTO.**

A burguesia sabe que os partidos operários são seu melhor aliado, o aliado silencioso, o aliado indireto. Com suas agitações eleitorais eles dão vazão às forças do proletariado, aos seus desejos de rebeldia e mudanças. É uma forma de desviar esses impulsos, tão perigosos, para fins muito mais interessantes aos senhores do mundo.

Toda carga ativa das massas, prestes a explodir, é canalizada habilmente para a campanha eleitoral. Mas se esse esforço fosse empregado para uma ação direta das massas, para a educação socialista — só entendemos socialismo como liberdade — em meios práticos de luta e de organização econômica para uma vida socialista libertária, o resultado seria bem outro. A crítica anarquista à luta eleitoral vai longe e os argumentos poderiam encher volumes.

A luta eleitoral é a luta pelos meios, é a ação indireta.

A luta pelos fins é a Ação Direta.

Os socialistas libertários preferem esta última e a justificam. A primeira é um desvio do verdadeiro impulso humano de ação que, no oprimido, se manifesta num impulso de rebeldia.

A segunda são os impulsos realizando-se plenamente, plenamente conscientes e criadores, com todo o seu caráter de iniciativa. A primeira, cria massas e as conserva como tal, isto é, como massas de manobra, como multidões obedientes aos gestos e às palavras de ordem dos líderes e chefes. A segunda, desenvolve no homem a capacidade criadora, porque não tira das massas o espírito de iniciativa e modela indivíduos, pessoas.

JAIME CUBERO
Julho de 1986

O GOVERNO REPRESENTATIVO

Parte III

Os vícios das Assembleias representativas não nos surpreenderão, com efeito, se refletimos, um momento apenas, sobre a maneira como elas se recrutam e como funcionam.

É necessário que eu pinte aqui o quadro tão revoltante, tão profundamente repugnante, e tão conhecido por nós — o quadro das eleições? Na burguesa Inglaterra e na democrática Suíça, na França, assim como nos Estados Unidos, na Alemanha como na República Argentina, esta triste comédia não é sempre a mesma em qualquer lugar?

É preciso contar de que forma os cabos e os comitês eleitorais “forjam”, “arrebatarem” uma eleição, semeando à direita e à esquerda promessas políticas em reuniões ou em público. De que modo eles penetram nas famílias bajulando a mãe, o filho, acariciando, se necessário, o cachorro asmático ou o gato do “eleitor”? De que maneira eles invadem os bares, convertendo os eleitores e enganam os menos falantes levando-os a terem os eleitores e enganam os menos falantes levando-os a discussões, como esses compadres de escroqueria que os arrastam ao jogo de baralho? De que forma o candidato, depois de ter feito com que o desejassem, aparece finalmente no meio de seus “caros eleitores” com o sorriso indulgente, olhar modesto, voz aveludada — assim como a velha megera, locadora de quartos em Londres, que busca cativar um locatário através de seu doce sorriso e seus olhares angelicais? É preciso enumerar os programas mentirosos — todos mentirosos — sejam eles opor-